

A questão da pós-autonomia

Em meados dos anos 2000, a ensaísta argentina Josefina Ludmer publicou na internet um polêmico e provocativo texto intitulado “Literaturas pós-autônomas” que abriria uma grande discussão, pró e contra sua proposta. Já no começo do texto Ludmer afirma que tais literaturas ou escrituras não admitem mais leituras literárias e que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura, se são realidade ou ficção. A seu ver, o que importa analisar é como estas escrituras “fabricam um presente” em detrimento de qualquer “registro realista do que ocorreu”. O valor literário, o diagnóstico crítico da qualidade ou falta de qualidade que caracterizou a literatura moderna é sumariamente descartado. Deste ponto de vista, se o antigo e resistente suporte do livro ainda se mantém, inclusive como objeto de desejo dos novos escritores, seus modos de produção e leitura não poderiam mais se basear em critérios considerados tipicamente modernos como os de autor, obra, estilo, texto e sentido. Com isto, estariam condenadas igualmente quaisquer pretensões críticas de emancipação, transgressão e subversão que marcaram as políticas da literatura na modernidade. E esta perda, para Ludmer, é inevitável na mesma medida em que se mesclaram as esferas ou os campos artísticos antes considerados autônomos, desde Immanuel Kant até Pierre Bourdieu.

Os textos que integram a secção aberta deste Número 2 da *Revista Landa* abordam essas temáticas e problemas, tomando como objeto os modos de leitura e de escrita das literaturas contemporâneas